

BEBIDAS ALCOÓLICAS

FERNANDO LUIZ E. VIANA

Engenheiro Civil. Mestre em Engenharia de Produção. Doutor em Administração
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB
fernandoviana@bnb.gov.br

Apesar de não ser intensiva em mão-de-obra, a indústria de bebidas alcoólicas no Nordeste tem cerca de 12 mil empregos formais e concentra 22,4% dos empregos do setor no Brasil

INTRODUÇÃO

O presente documento apresenta informações sobre a indústria de bebidas, especificamente no segmento de bebidas alcoólicas. O objetivo é que se possa ter um panorama recente do setor no Brasil e no Nordeste, incluindo sua caracterização, desempenho recente e perspectivas, bem como discutir tendências futuras para o setor e seus produtos em nível global.

O trabalho foi executado utilizando-se dados secundários, acessados em publicações especializadas do setor, as quais constam nas referências. Esta análise contextualiza o cenário de toda a indústria de bebidas alcoólicas, que engloba o grupo 11.1 (fabricação de bebidas alcoólicas) da divisão 11 (fabricação de bebidas) da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), incluindo as atividades que compõem as seguintes classes: 11.11-9

(Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas), 11.12-7 (Fabricação de vinho) e 11.13-5 (Fabricação de malte, cervejas e chopes). Vale ressaltar que alguns dados serão apresentados utilizando a classificação dos produtos mais usual no mercado mundial de bebidas alcoólicas. A Euromonitor International utiliza a seguinte classificação para os produtos da indústria de bebidas alcoólicas:

- Cervejas
- *Spirits*: engloba os principais tipos de destilados, tais como uísque, vodca, gin, tequila, aguardente, entre outros;
- Vinhos;
- Cidras: bebidas preparadas a partir de suco de maçã, possuindo como semelhante as chamadas *perries*, preparadas a partir de suco de pera;
- *Ready-to-drinks* (RDTs)/*High-Strength Premixes* (HS): bebidas que constituem uma mistura de um *spirit*, um vinho ou malte com uma bebida não alcoólica, servidas pré-misturadas e prontas para beber. Um exemplo de RDT bem conhecido no Brasil é a Smirnoff Ice.

Ao longo do texto serão feitos comentários específicos sobre os tipos de bebidas alcoólicas que possuem maior destaque no mercado brasileiro.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente), Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETE-NE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior, Roberto Rodrigues Pontes (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Sílas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

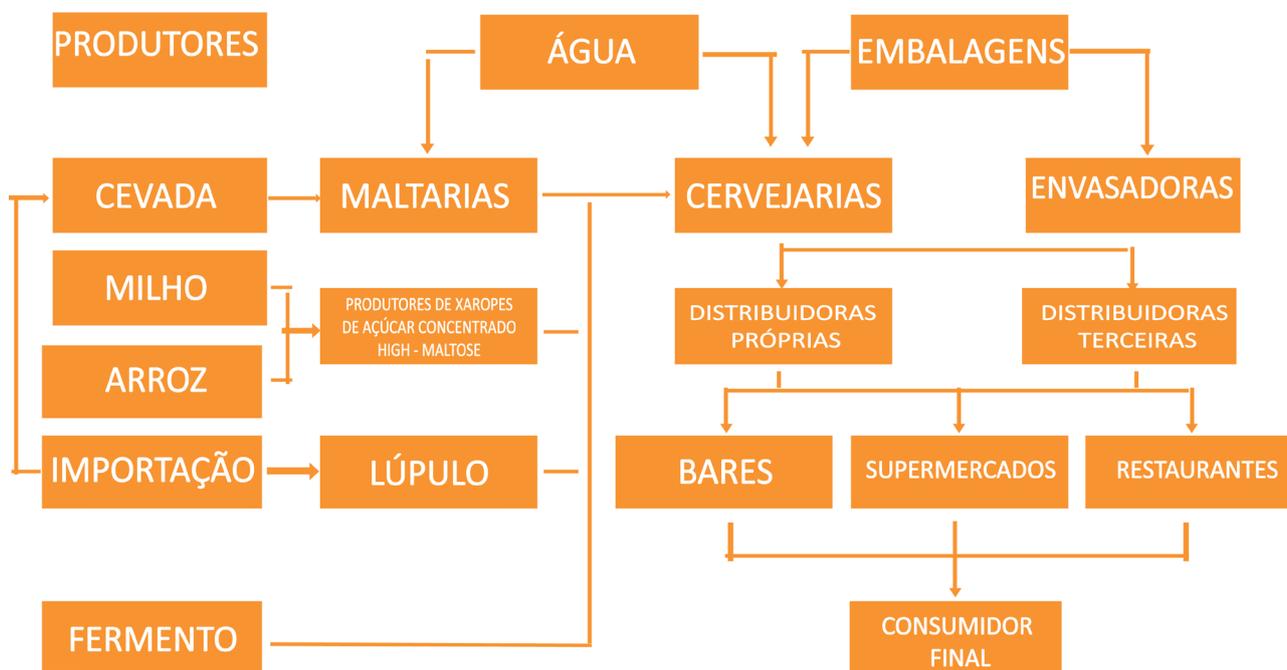
2 CARACTERIZAÇÃO DO SETOR

A indústria de bebidas constitui um importante setor da indústria de transformação, tendo obtido faturamento de R\$ 127,7 bilhões em 2018, o que é equivalente a 1,9% do PIB brasileiro daquele ano e 4,7% do Valor Bruto da Produção (*Proxy* do PIB) da indústria de transformação (ABIA, 2019).

Apesar de não ser um setor intensivo em mão de obra, em termos absolutos constitui grande empregador, com dezenas de milhares de empregos distribuídos em todo o Brasil. O setor possui ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico. Esse aspecto faz com que a opção de produzir localmente seja mais racional, pois a redu-

ção dos custos logísticos compensa eventuais economias de escala que poderiam ser obtidas com a centralização da produção (CERVIERI JÚNIOR et al., 2014). Isso faz com que o setor possua certa ubiquidade e contribua para a dinamização de regiões pouco industrializadas, já que a produção de bebidas demanda fornecimento de insumos, armazenagem, distribuição, comercialização, produção de embalagens, entre outras atividades da cadeia produtiva, algumas das quais necessitam ser realizadas localmente. No Brasil, entre as bebidas alcoólicas, a cerveja tem grande destaque, tendo sido responsável por mais de 90% do consumo de bebidas alcoólicas (em volume) do País em 2018 (EUROMONITOR INTERNACIONAL, 2019a). Em função da sua importância no mercado brasileiro de bebidas alcoólicas, apresenta-se na **Figura 1** a cadeia produtiva da cerveja.

Figura 1 – Cadeia produtiva da cerveja



Fonte: Serasa Experian (2017).

Em termos mundiais, a indústria de bebidas alcoólicas também tem importância significativa em diferentes países. Devido à presença de vários fornecedores locais e internacionais e de grandes *players* com atuação global, o mercado é altamente competitivo e a concorrência tem se intensificado, tendo como principais direcionadores o preço e a diferenciação de produtos. O aumento da procura por novos sabores e o recente aumento da consciência da população voltada ao consumo de produtos saudáveis têm obrigado as empresas a lançarem novos produtos com maior frequência (TECHNAVIO, 2017).

Após um período de crescimento consistente, o mercado global de bebidas alcoólicas teve uma leve retração entre 2014 e 2016, voltando a crescer, embora de forma tímida, a partir de 2017. A queda ocorrida deu-se sob for-

te influência da retração das vendas de cervejas, que teve como contraponto o forte incremento em todo o período citado das vendas de *spirits*, segmento que tem se beneficiado da alta da “cultura dos coquetéis” e, também, da chamada *premiumsation*, ou seja, a busca pelo consumo de bebidas consideradas “premium”. Nesse contexto de crescimento, que deve permanecer nos próximos anos (ver seção 5), em nível relativamente baixo, os países asiáticos e alguns países africanos têm assumido um papel relevante.

As dez empresas líderes de vendas no mercado global de bebidas alcoólicas são listadas no **Quadro 1**, muitas das quais têm importante presença no mercado brasileiro.

Quadro 1 – Empresas líderes do mercado mundial de bebidas alcoólicas

Empresa ou Grupo Empresarial	Tipo de bebida dos principais produtos	Capital de Origem	% Mercado Global 2018 (em volume)
Anheuser-Busch Inbev	Cerveja	Brasil/Bélgica	20,5
Heineken NV	Cerveja	Holanda	8,8
Carlsberg A/S	Cerveja	Dinamarca	4,6
China Resources Holding Co. LTDA.	Cerveja	Hong Kong (China)	4,5
Molson Coors Brewing Co	Cerveja	Canadá	3,7
Tsingtao Brewery Co Ltd	Cerveja	China	3,1
Asahi Group Holdings Ltd	Cerveja e <i>spirits</i>	Japão	2,6
Diageo	Cerveja, uísque, vodca	Reino Unido	2,2
Constellation Brands	Cerveja, vinho e <i>spirits</i>	Estados Unidos	1,7
Beijing Yanjing Brewery Co Ltd	Cerveja	China	1,4

Fonte: Euromonitor International (2019b). Elaboração do ETENE/BNB.

Algumas destas empresas possuem forte presença no mercado brasileiro, tendo uma delas, em parte, origem nacional (AB Inbev), possuindo diversas plantas industriais de produção de cervejas e refrigerantes no País. Outras empresas como Heineken e Diageo também possuem plantas fabris no Brasil, inclusive no Nordeste. Outro fato que chama atenção é a predominância de empresas fabricantes de cervejas, o que se explica por se tratar de um ranking de participação no mercado baseado nas vendas em volume.

Além de empresas que possuem destaque mundial, o mercado brasileiro tem entre os líderes de mercado empresas que têm atuação mais restrita a alguns mercados regionais, conforme pode ser visto no **Quadro 2**.

Destaca-se, entre as empresas líderes no mercado brasileiro, a presença de importantes fabricantes nacionais de cachaça, entre os quais marca presença a Pitu, empresa com sede no estado de Pernambuco e forte presença no mercado nordestino.

Apesar de o mercado brasileiro apresentar algumas particularidades em comparação com os mercados de países desenvolvidos, bem como manter certa heterogeneidade entre as diferentes regiões do País, entende-se que as empresas que atuam no Brasil devem atentar às tendências observadas no mercado internacional.

Quadro 2 – Empresas líderes do mercado brasileiro de bebidas alcoólicas

Empresa ou Grupo Empresarial	Tipo de bebida dos principais produtos	% Mercado Nacional 2018 (em volume)
Anheuser-Busch Inbev	Cerveja	57,8
Heineken NV	Cerveja	18,9
Cervejaria Petrópolis S/A	Cerveja	11,7
Cia Muller de Bebidas Ltda.	Cachaça, <i>spirits</i> e RDT's	0,9
Diageo Plc	Cerveja, uísque, vodca	0,8
Indústrias Reunidas de Bebidas Tatzinho/3 Fazendas Ltda.	Cachaça, vodca e gin	0,5
Engarrafamento Pitú Ltda.	Cachaça, RDT's/HS	0,5
Campari Milano SpA, Davide	<i>Spirits</i>	0,3
Arbor Brasil Indústria de Bebidas Ltda.	Cerveja, vinho, <i>spirits</i> , RDT's	0,3
Pernod Ricard Groupe	Uísque, vodca, gin, rum	0,3

Fonte: Euromonitor International (2019c). Elaboração do ETENE/BNB.

3 DESEMPENHO RECENTE

As informações sobre o setor a serem apresentadas foram obtidas a partir de órgãos oficiais, tais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Ministério da Economia, bem como em estudos de mercado elaborados por organizações internacionais, como a Euromonitor International. Os tópicos seguintes apresentam informações referentes às principais variáveis associadas ao desempenho da indústria de bebidas alcoólicas, considerando os grupos CNAE cobertos pelo presente trabalho.

3.1 Produção e Vendas

Com relação à produção da indústria brasileira, os dados da Pesquisa Industrial Anual Produto (PIA Produto) do IBGE (2019) referentes ao período 2007-2016 (último dado disponível) mostram uma evolução consistente na produção da indústria de bebidas alcoólicas até 2012, seguida de uma queda em 2013, recuperação em 2014 e estabilidade nos anos seguintes (**Tabela 1**). A fabricação de cervejas e chopes possui grande destaque, atingindo, em 2016, 87,2% do total produzido em milhares de litros, embora esse tipo de bebida tenha perdido participação relativa nos últimos dois anos da série.

Tabela 1 – Evolução da produção (em milhares de litros) da indústria de bebidas alcoólicas do Brasil: 2007-2016

CLASSE CNAE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	1.381.888	1.506.552	1.476.358	1.405.641	1.686.193	1.377.486	1.196.322	1.125.327	1.159.672	1.450.613
Fabricação de vinho	351.892	381.658	410.390	432.065	494.758	569.845	470.950	486.252	546.787	595.582
Fabricação de cervejas e chopes ¹	10.449.932	10.848.516	12.576.321	13.243.165	13.743.457	14.219.976	13.520.260	14.456.254	14.260.955	13.987.398
Total	12.183.711	12.736.725	14.463.069	15.080.871	15.924.407	16.167.307	15.187.532	16.067.833	15.967.414	16.033.593

Fonte: IBGE (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) A produção de malte é medida em toneladas e, portanto, foi desconsiderada do total da respectiva classe (1113-5).

Considerando todo o período (2007-2016), a produção de bebidas alcoólicas cresceu 31,6%, com maior destaque para a produção de vinhos (69,3%). As cervejas e chopes tiveram aumento de 33,9% na produção, resultando na ampliação, também, da participação relativa no total produzido pelo setor até 2014, com queda nos anos seguintes, conforme supracitado. Por outro lado, a fabricação de aguardentes e outros destilados cresceu apenas 5% no total do período, o que não teria ocorrido se não houvesse a forte recuperação apresentada em 2016. Esse comportamento da produção de aguardentes e outros destilados resultou em forte queda na participação relativa, de 17,2% em 2007, para 9,0% em 2016. Aparentemente, houve uma migração do consumo de aguardente para o consumo de cerveja, em função do aumento da renda média disponível e da entrada no mercado de marcas de cervejas destinadas às classes de menor renda.

No que diz respeito às quantidades vendidas, os

dados da PIA Produto mostram um cenário (Tabela 2) semelhante ao observado para a produção, exceto pela forte recuperação das vendas ocorrida em 2016. Cervejas e chopes também se destacam como principais produtos vendidos, chegando ao pico de participação de 89,6% em 2012, finalizando o período com 87,5% de participação em 2016. De forma semelhante, no mercado mundial a cerveja constitui a principal bebida alcoólica vendida, embora com menor participação no mercado, englobando 79,1% das vendas em volume no ano de 2018 (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2019b).

Além do crescimento da produção e da venda de cervejas e chopes, destaca-se também a evolução do mercado nacional de vinhos, especialmente dos espumantes, cujo incremento relativo da produção e venda foi maior do que o apresentado pelas cervejas e chopes. O Gráfico 1 apresenta simultaneamente o comportamento da produção e das vendas de bebidas alcoólicas no Brasil entre 2007 e 2016.

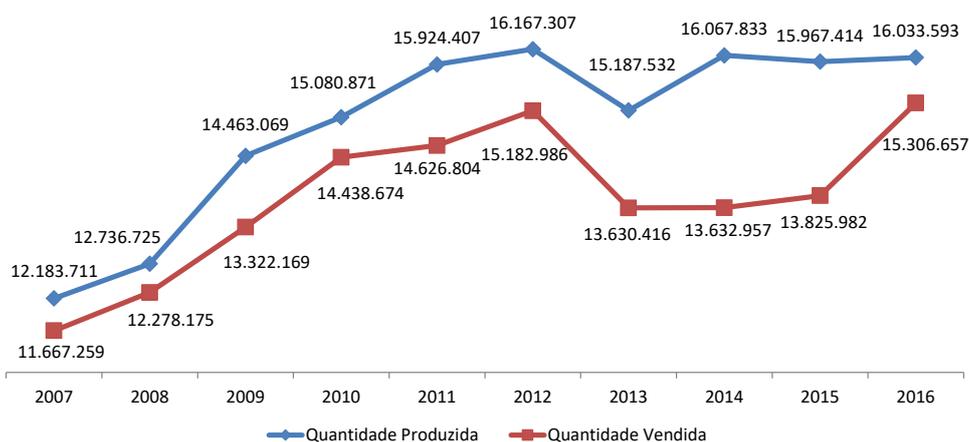
Tabela 2 – Evolução das vendas (em milhares de litros)¹ da indústria de bebidas alcoólicas do Brasil: 2007-2016

CLASSE CNAE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	1.325.281	1.299.773	1.295.075	1.181.789	1.306.732	1.130.801	1.076.996	1.011.108	998.504	1.198.874
Fabricação de vinho	336.970	341.301	385.021	403.502	415.968	442.366	442.037	470.170	479.136	717.058
Fabricação de malte, cervejas e chopes	10.005.008	10.637.101	11.642.073	12.853.382	12.904.104	13.609.819	12.111.383	12.151.679	12.348.342	13.390.725
Total	11.667.259	12.278.175	13.322.169	14.438.674	14.626.804	15.182.986	13.630.416	13.632.957	13.825.982	15.306.657

Fonte: IBGE (2019). Elaboração do autor.

Nota: (1) A venda de malte é medida em toneladas e, portanto, foi desconsiderada do total da respectiva classe (1113-5).

Gráfico 1 – Evolução da produção e vendas de produtos da indústria de bebidas alcoólicas do Brasil, em milhares de litros: 2007-2016



Fonte: IBGE (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

É importante salientar que os dados apresentados anteriormente da PIA-Produto contemplam apenas a produção e as vendas de unidades produtivas localizadas no Brasil, ou seja, da indústria para o varejo, não considerando os fluxos de importação e exportação. Logo, para se ter

uma ideia do consumo de bebidas, é necessário computar as vendas no varejo (*off trade*) e em bares e restaurantes (*on trade*). Euromonitor International (2019a) possui dados consolidados de vendas de bebidas alcoólicas no Brasil no período 2013-2018, por tipo de bebida (Tabela 3).

Tabela 3 – Vendas de bebidas alcoólicas no Brasil por categoria (em milhares de litros): 2013-2018

Tipos de Bebidas	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Cerveja	13.384.893	13.890.130	13.282.559	12.602.651	12.385.039	12.248.458
Vodca, Whisky, Cachaça, Gin e outros (<i>spirits</i>)	725.678	753.191	726.435	712.546	708.851	710.405
Vinho	383.650	367.980	352.222	324.953	315.366	317.007
Cidras	15.273	15.365	15.679	16.060	16.395	16.712
Total	14.509.494	15.026.665	14.376.895	13.656.211	13.425.651	13.292.581

Fonte: Euromonitor International (2019a).

Percebem-se algumas diferenças nos valores apresentados nas tabelas 2 e 3, o que é esperado, tendo em vista os fluxos de importação e exportação, conforme supracitado. Independentemente das diferenças, a predominância das cervejas (92% das vendas) se confirma.

Em termos de dinâmica do mercado, a partir dos dados da Euromonitor International (2019a), o mercado brasileiro registrou um declínio, ano a ano, no volume total das vendas nos últimos anos (Entre 2014 e 2018), em função da situação econômica desfavorável e da redução da renda disponível para grande parte da população. A maior parte dos consumidores tem migrado suas compras para marcas mais baratas em algumas categorias, além de reduzir a frequência das compras para muitos tipos de produtos.

Por outro lado, entre os novos hábitos de compras, está a tendência de se beber menos, mas marcas de melhor qualidade, o que também deve ter influenciado o declínio supracitado. A partir de 2019, espera-se melhora da demanda no mercado brasileiro. Nesse movimento, nem todos os segmentos retomarão o crescimento no mesmo ritmo, com alguns tipos de bebidas alcoólicas ainda lutando para atrair consumidores. Embora as cidras e os RTDs/HS devam continuar a apresentar desempenhos positivos, a cerveja, *spirits* e particularmente o vinho terão dificuldades para retomar o crescimento (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2018).

Em linha com o hábito supracitado, no segmento das cervejas as marcas do tipo Premium têm mostrado ganhos acima de média no mercado brasileiro. Marcusso e Müller (2018) destacam que o número de estabelecimentos produtores de cervejas registrados no Brasil tem crescido fortemente nos últimos anos, especialmente a partir de 2013, chegando a um total de 889 cervejarias ao final de 2018. Somente em 2018 foram abertas 210 novas fábricas. Essa tendência deve-se principalmente à abertura de pequenas cervejarias, destinadas à produção de cervejas artesanais. A maior concentração permanece no Sul (43%) e Sudeste (41%), mas Nordeste e Centro-Oeste apareceram nos últimos anos como cenário de novas cervejarias, apresentando crescimento rápido recentemente.

No Nordeste, o estado de Pernambuco tem tido maior destaque, com 18 cervejarias registradas ao final de 2018. Atualmente, no Brasil, 479 municípios possuem cervejarias, chegando perto de 10% dos 5.570 municípios existentes no País. Destacam-se as microrregiões de Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, Blumenau, Caxias do Sul, Gramado-Canela, Serra, Rio de Janeiro, São Paulo, Ribeirão Preto, Piracicaba, Campinas, Vale do Paraíba Fluminense, Jundiá, Joinville, Florianópolis. Fora da região Sul-Sudeste existe a formação de um arco no litoral nordestino com Recife, Fortaleza, Salvador, Itamaracá. Também há destaque para o eixo Brasília-Goiânia, e pontos mais isolados espalhados pelo Centro-Oeste e Amazônia, tais como Manaus, Belém e Cuiabá.

Em função da dinâmica atual do mercado, muitos dos principais *players* da indústria de bebidas alcoólicas do Brasil têm adotado uma estratégia de diversificação do portfólio de produtos, para atender às mais diversas necessidades dos consumidores. Especificamente no mercado de cervejas, tanto as empresas têm procurado adicionar cervejas *Premium* ao seu mix de produtos, como também adicionado outras categorias de bebidas (por exemplo, Skol Beats Senses da AMBEV, que é considerado um RDT). A implantação da estratégia de diversificação por parte das grandes produtoras de cerveja com operações produtivas no Brasil tem sido acompanhada muitas vezes de aquisições de cervejarias artesanais.

Nesse segmento de produção de cervejas, chama atenção o desempenho recente da Heineken no Brasil. De acordo com Euromonitor International (2018) a Heineken assumiu o segundo lugar no mercado brasileiro de bebidas alcoólicas em 2017, após a aquisição da Brasil Kirin. Com o dobro de sua participação anterior no volume total, a empresa agora compete principalmente com a AB Inbev, oferecendo um amplo portfólio, incluindo cervejas de todas as faixas de preço e a gama de bebidas não alcoólicas da Brasil Kirin. A empresa continua a ganhar participação de vendas, aproveitando sua maior capacidade de produção e eficiência. Entretanto, tem também enfrentando alguns problemas relacionados à distribuição e à capacidade de produção da cerveja homônima da marca.

De acordo com Malta e Bouças (2018), em 2018 a cerveja Heineken atingiu um crescimento nas vendas de 40%, e 100% da capacidade de produção da companhia para essa marca de cerveja e, como consequência, teve problemas para atender à demanda. Além disso, a empresa tem enfrentado um desafio relacionado à distribuição. Quando entrou no Brasil, em 2010, a Heineken fechou contrato de distribuição com a Coca-Cola Femsa. Esse contrato venceria em 2022. Mas, em 2017, a Heineken tentou encerrar o contrato. A intenção seria usar a rede própria de distribuidores da Brasil Kirin para distribuir as marcas da Heineken que já estavam em seu portfólio antes de comprar a dona da Schin - ou seja, Heineken, Amstel, Desperados, Sol, Kaiser, Bavaria, Xingu e Dos Equis. A questão é discutida entre as companhias em uma câmara de arbitragem. Ainda hoje, a Coca-Cola Femsa distribui as marcas da Heineken, que juntas representam 35% do volume de vendas da Heineken no País. A rede de 180 distribuidores da Brasil Kirin fazem a entrega dos 65% restantes que correspondem às marcas Schin, Glacial, Cintra, Baden Baden, Devassa, Eisenbahn, Itubaína, e os refrigerantes Schin e Fibz Kirin.

Para uma melhor compreensão do comportamento da demanda total por bebidas alcoólicas, é essencial a avaliação do comércio internacional desses produtos.

No que diz respeito às exportações, percebe-se um crescimento consistente nos valores das exportações entre 2009 e 2014 (89%), com arrefecimento nos dois anos

seguintes (queda de 20%), forte retomada em 2017 (crescimento de 25%), e novo declínio em 2018, conforme mostra a **Tabela 4**. As cervejas e chopes constituem os principais produtos da pauta de exportações brasileira de bebidas alcoólicas, sendo responsável por 64,8% do valor exportado em 2018.

As importações apresentaram um comportamento semelhante no período analisado, com crescimento de 40,7% entre 2008 e 2014 e queda de 18,7% entre 2014 e 2016 (**Tabela 5**), em função da crise econômica que assolou o Brasil no período; a diferença é que a leve retomada do crescimento (6,3%) em 2017 teve continuidade em 2018. Entretanto, os valores envolvidos são bem maiores do que aqueles das exportações. O grande montante importado explica-se pelo aumento do consumo de cervejas especiais e vinhos, bem como consolidação do mercado de destilados, especialmente de uísques e, mais recentemente, do gin, o que representa maior sofisticação do mercado brasileiro de bebidas. Os dados referentes ao comércio exterior mostram que a balança comercial da indústria de bebidas alcoólicas brasileira tem sido amplamente deficitária no período analisado, totalizando US\$ 832 milhões de déficit em 2018, o que é de difícil reversão no futuro próximo, tendo em vista o grande espaço que algumas bebidas importadas têm no Brasil, bebidas essas em que há dificuldade de adoção de estratégias de substituição de importações, em função de suas características de produção.

Tabela 4 – Exportações brasileiras de bebidas alcoólicas (US\$ Mil FOB): 2009-2018

Classes CNAE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	30.341	34.063	41.164	43.280	45.041	48.319	33.099	33.567	40.252	37.122
Fabricação de vinho	15.652	13.735	10.944	13.818	20.263	16.632	8.267	9.585	13.632	13.283
Fabricação de malte, cervejas e chopes	36.426	40.361	48.323	59.248	67.180	90.906	93.033	82.185	103.265	92.751
Total	82.419	88.160	100.432	116.346	132.484	155.857	134.400	125.337	157.149	143.156

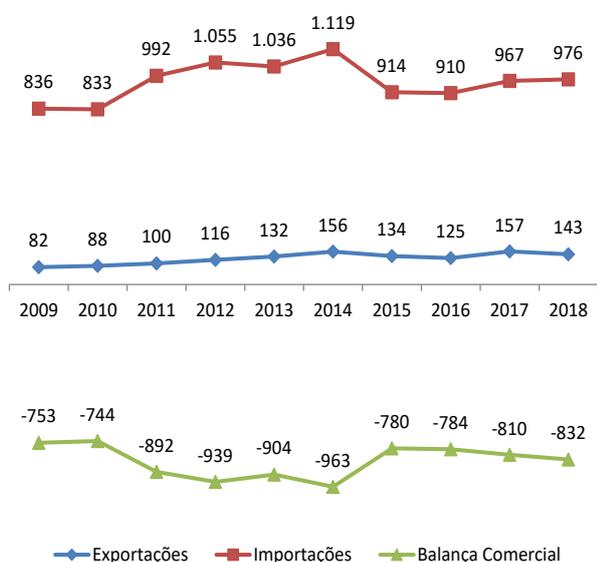
Fonte: FUNCEXDATA (2019). Elaboração do BNB/ETENE.

Tabela 5 – Importações brasileiras de bebidas alcoólicas (US\$ Mil FOB): 2009-2018

Classes CNAE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	91.788	115.826	152.385	172.675	176.490	162.124	152.759	114.127	149.483	146.869
Fabricação de vinho	196.888	252.820	296.300	302.347	292.935	327.271	294.464	283.816	372.544	377.607
Fabricação de malte, cervejas e chopes	547.095	463.872	543.425	580.183	567.009	629.149	467.251	511.743	445.463	451.118
Total	835.770	832.518	992.110	1.055.205	1.036.434	1.118.543	914.473	909.685	967.490	975.594

Fonte: FUNCEXDATA (2019). Elaboração do BNB/ETENE.

Gráfico 2 – Balança comercial da indústria brasileira de bebidas alcoólicas no período 2009-2018 (US\$ milhões FOB)



Fonte: FUNCEXDATA (2019). Elaboração do BNB/ETENE.

Com relação aos principais parceiros do Brasil no comércio exterior de bebidas alcoólicas, as tabelas 6 e 7 apresentam, respectivamente, os dez principais países de destino das exportações e os dez principais países de origem das importações em diferentes anos.

Analisando-se os dados de 2018, percebe-se que as exportações de bebidas alcoólicas têm como principais destinos países da América Latina, que, juntos, absorvem 81% do valor das exportações. Como o mercado brasileiro de cervejas é dominado por grandes multinacionais, o Brasil funciona como importante abastecedor desses países, notadamente Paraguai, Argentina e Bolívia.

Por outro lado, no que diz respeito às importações, os países produtores das principais bebidas importadas têm destaque: vinho (Argentina, Uruguai, Chile, França, Portugal, Itália, Espanha e Estados Unidos), uísque e gin (Reino Unido) e cerveja (Bélgica e Estados Unidos). Conforme supracitado, torna-se muito difícil estabelecer

3.2 Emprego e Capacidade Instalada

Após dois anos de forte retração econômica (2015 e 2016), a economia brasileira teve leve recuperação nos dois anos seguintes, com alta de 1% do PIB em 2017 e 1,1% em 2018, além de inflação dentro da meta e queda dos juros. Entretanto, a taxa de desemprego segue elevada (taxa de desocupação média de 12,3% em 2018, de acordo com a PNAD contínua do IBGE), o que tem reflexo na renda dos consumidores e, portanto, no consumo de bens em geral, e de bebidas em particular.

Na indústria de bebidas alcoólicas do Brasil, os números relativos ao emprego em um período de dez anos

uma política de substituição de importações de bebidas oriundas desses países, principalmente nos casos dos vinhos e uísques.

Tabela 6 – Principais países de destino das exportações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ FOB): 2009 x 2013 x 2018

Países	2009	%	2013	%	2018	%
Paraguai	19.656.332	23,8%	57.577.729	43,5%	80.459.450	56,2%
Argentina	3.952.416	4,8%	5.588.544	4,2%	14.320.380	10,0%
Bolívia	11.917.888	14,5%	14.163.055	10,7%	11.863.218	8,3%
Estados Unidos	4.434.131	5,4%	3.865.993	2,9%	6.614.784	4,6%
Uruguai	3.167.658	3,8%	4.154.309	3,1%	5.952.609	4,2%
Alemanha	3.375.023	4,1%	3.434.241	2,6%	2.668.118	1,9%
África do Sul	283.508	0,3%	2.641.184	2,0%	2.061.868	1,4%
Chile	1.271.355	1,5%	2.108.492	1,6%	1.857.138	1,3%
Haiti	111.897	0,1%	2.719.573	2,1%	1.707.504	1,2%
Portugal	1.785.917	2,2%	1.632.275	1,2%	1.450.583	1,0%
Subtotal	49.956.125	60,6%	97.885.395	73,9%	128.955.652	90,1%
Outros	32.462.713	39,4%	34.571.964	26,1%	14.200.594	9,9%
Total	82.418.838	100,0%	132.484.192	100,0%	143.156.246	100,0%

Fonte: FUNCEXDATA (2019). Elaboração do BNB/ETENE.

Tabela 7 – Principais países de origem das importações brasileiras de produtos petroquímicos (US\$ FOB): 2009 x 2013 x 2018

Países	2009	%	2013	%	2018	%
Argentina	269.945.989	32,3%	299.038.174	28,9%	258.307.336	26,5%
Uruguai	167.400.169	20,0%	191.561.478	18,5%	157.718.583	16,2%
Chile	61.581.135	7,4%	91.056.963	8,8%	146.288.212	15,0%
Reino Unido	76.136.802	9,1%	132.990.416	12,8%	92.586.628	9,5%
França	45.591.854	5,5%	76.475.946	7,4%	56.704.359	5,8%
Portugal	24.208.343	2,9%	36.437.519	3,5%	54.104.344	5,5%
Itália	26.564.018	3,2%	37.232.635	3,6%	42.537.157	4,4%
Estados Unidos	13.277.823	1,6%	9.472.903	0,9%	34.983.007	3,6%
México	4.100.384	0,5%	11.390.519	1,1%	27.072.595	2,8%
Espanha	8.239.460	1,0%	19.400.389	1,9%	27.070.289	2,8%
Subtotal	697.045.977	83,4%	905.056.942	87,3%	897.372.510	92,0%
Outros	138.723.935	16,6%	131.356.760	12,7%	78.221.232	8,0%
Total	835.769.912	100,0%	1.036.434.099	100,0%	975.593.742	100,0%

Fonte: FUNCEXDATA (2019). Elaboração do BNB/ETENE.

(2008-2017) mostram momentos de forte crescimento e estabilidade no período 2008-2014. A partir de então, observou-se uma importante retração no emprego, como reflexo do cenário econômico interno, com leve recuperação em 2017. Com isso, o crescimento acumulado do emprego no setor, entre 2008 e 2017, foi de 12,2% no Brasil, enquanto que no Nordeste houve queda de 5,6%, especialmente devido aos três últimos anos do período analisado, após forte expansão observada nos anos anteriores. Como destaque nacional no período, têm-se os Estados de Minas Gerais (107,4%) e Pará (49,7%). No Nordeste, destacam-se positivamente a Bahia (42,2%) e o Maranhão (38,4%) (Tabela 8), resultado esse influenciado pela expansão e/ou instalação de unidades produtoras de cerveja

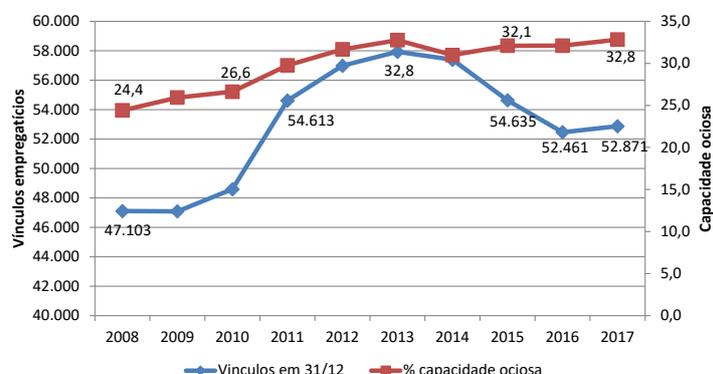
nesses estados. Por outro lado, o resultado negativo do Rio Grande do Norte (-65,6%) e Ceará (-45,4%), mais acentuado nos últimos anos do período, sofreram influência do fechamento de fábrica da Ambev (RN) e da Heineken (CE), essa última após a aquisição da Brasil Kirin, para que a empresa mantivesse apenas uma unidade em funcionamento no Estado.

Com o comportamento apresentado para o emprego no período analisado, mesmo com o crescimento na maior parte do período, a capacidade ociosa do setor tem mantido uma trajetória de ascensão, com alguns momentos de queda, variando de um mínimo de 24,4% em 2008 a um máximo de 32,8% em 2013 e 2017, conforme pode ser observado no **Gráfico 3**.

O índice de utilização da capacidade produtiva do setor, que variou de 67,2% a 75,6%, está abaixo da média da indústria de transformação, em um patamar que indica que a indústria de bebidas tem operado com sobrecapacidade ao longo dos últimos anos, o que pode ser considerado um indicador de que não deverá haver grandes investimentos em ampliação da capacidade por parte das empresas do setor, especialmente nos segmentos mais

tradicionais. Possíveis investimentos devem ser direcionados para adaptações relacionadas a mudanças no mix de produtos e na diferenciação.

Gráfico 3 – Desempenho recente do número de empregos e capacidade ociosa¹ da indústria brasileira de bebidas alcoólicas: 2008 a 2017



Fonte: ME/RAIS (2019) e CNI (2019). Elaboração do ETENE/BNB.
Nota: (1) A capacidade ociosa informada considera toda a indústria de bebidas, inclusive de bebidas não alcoólicas.

Tabela 8 – Evolução do emprego na indústria de bebidas alcoólicas no período 2008-2017: Brasil, Nordeste e UF

Estado	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Acre	10	35	39	55	3	4	5	6	4	0
Alagoas	32	41	43	45	17	54	27	34	39	188
Amapá	0	0	0	12	9	4	8	4	2	8
Amazonas	593	757	871	944	1.037	919	873	779	721	688
Bahia	1.836	1.792	2.030	2.061	2.107	2.522	2.527	2.238	2.496	2.541
Ceará	3.340	3.381	3.369	3.303	3.455	3.179	3.300	2.877	2.576	1.822
Distrito Federal	421	383	400	425	1.954	312	269	104	86	86
Espírito Santo	209	217	203	254	304	328	195	177	165	162
Goiás	2.036	1.777	1.886	1.973	1.984	2.082	1.964	1.849	2.045	2.262
Maranhão	1.020	785	1.055	1.169	1.213	1.418	1.557	1.503	1.406	1.276
Mato Grosso	820	862	1.058	1.216	1.194	1.261	1.164	1.276	1.295	1.178
Mato Grosso do Sul	170	235	261	221	49	68	38	19	16	20
Minas Gerais	1.681	2.054	2.077	2.260	2.513	4.069	2.962	2.967	2.963	3.487
Pará	698	701	911	908	963	981	924	943	943	1.045
Paraíba	1.230	1.187	1.310	1.338	1.367	1.379	1.297	1.194	1.024	739
Paraná	1.671	1.815	1.760	1.798	1.397	1.402	1.593	1.628	1.674	1.973
Pernambuco	3.248	4.041	3.867	7.406	6.993	7.067	7.116	5.914	4.203	4.132
Piauí	600	627	626	631	611	545	546	517	476	480
Rio de Janeiro	5.282	4.764	5.603	6.105	6.231	6.114	6.030	6.073	5.890	5.931
Rio Grande do Norte	881	916	842	819	868	811	863	365	307	303
Rio Grande do Sul	3.981	4.370	4.482	4.912	5.075	4.761	5.218	5.329	5.103	5.152
Rondônia	118	159	180	157	1	1	0	0	0	1
Roraima	0	0	0	0	0	10	7	6	2	4
Santa Catarina	1.390	1.463	1.513	1.676	1.686	1.832	1.877	1.777	1.782	1.881
São Paulo	15.468	14.306	13.677	14.425	15.449	16.326	16.563	16.609	16.830	17.136
Sergipe	367	415	522	500	500	478	462	447	413	374
Tocantins	1	2	2	0	0	0	0	0	0	2
Região Nordeste	12.554	13.185	13.664	17.272	17.131	17.453	17.695	15.089	12.940	11.855
Brasil	47.103	47.085	48.587	54.613	56.980	57.927	57.385	54.635	52.461	52.871

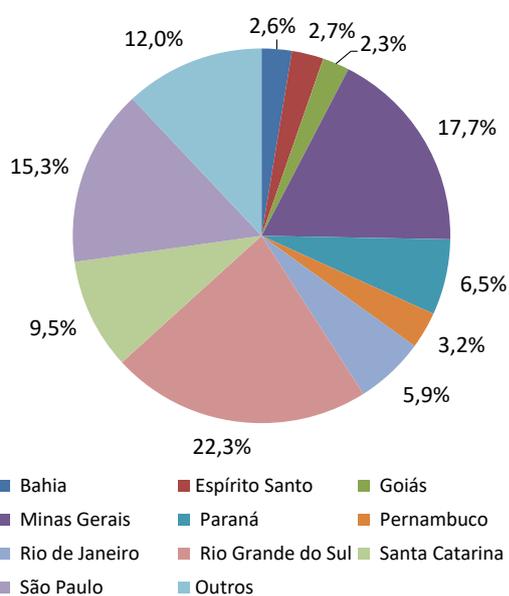
Fonte: ME/RAIS (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

4 DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA PRODUÇÃO

Conforme supracitado, a indústria de bebidas alcoólicas, apesar de não ser um setor intensivo em mão de obra, em termos absolutos, constitui grande empregador, com dezenas de milhares de empregos distribuídos em todo o Brasil. O setor possui ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico. Em 2017, a indústria de bebidas alcoólicas concentrava 0,8% dos empregos da indústria de transformação do Brasil e 1,3% dos empregos da indústria de transformação do Nordeste. Logo, a indústria de bebidas alcoólicas tem maior importância para a geração de empregos no Nordeste do que no Brasil.

Apesar da citada distribuição regional da produção, com a presença de unidades produtivas em todos os estados brasileiros, percebe-se que, em nível regional (grandes regiões), há uma concentração da produção nos estados mais populosos (Gráfico 4). A partir das plantas industriais localizadas nesses estados, há uma distribuição dos produtos para os demais estados da mesma região.

Gráfico 4 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de bebidas alcoólicas em 2017



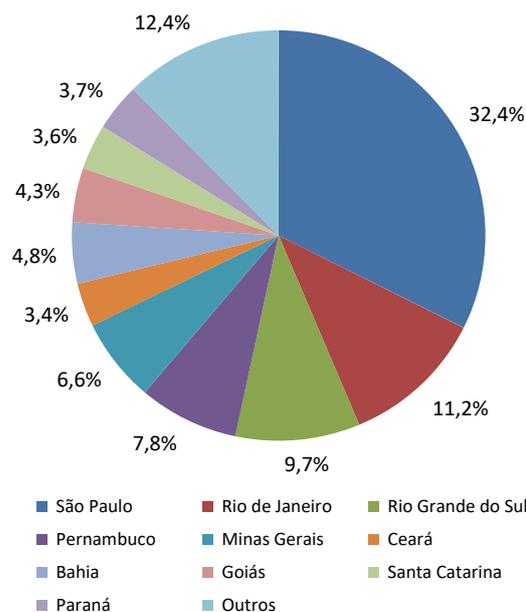
Fonte: ME/RAIS (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

As exceções entre os dez estados mais populosos na lista dos dez com maior número de estabelecimentos da indústria de bebidas alcoólicas são o Ceará e o Pará. Goiás (12º estado mais populoso) e Espírito Santo (15º estado mais populoso) fazem parte da lista; o primeiro por conta da sua importância logística para o abastecimento do mercado da Região Centro-Oeste, e o segundo devido ao crescimento da produção de cervejas artesanais.

No caso dos empregos, a lógica é a mesma observada para o número de estabelecimentos, tendo em vista que

a única mudança que se observou na relação dos dez estados com maior número de vínculos empregatícios em 2017 foi a inclusão do Ceará no lugar do Espírito Santo (Gráfico 5). Nos dez estados com maior número de empregos no setor, houve aumento da concentração dos empregos no Estado de São Paulo (32,4%) em comparação com o número de estabelecimentos (15,3%).

Gráfico 5 – Distribuição geográfica (%) dos empregos na indústria de bebidas alcoólicas brasileira em 2017



Fonte: ME/RAIS (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Fenômeno semelhante ocorre com Rio de Janeiro (11,2% dos empregos e 5,9% dos estabelecimentos) e Pernambuco (7,8% dos empregos e 3,2% dos estabelecimentos), Bahia, Ceará e Goiás, o que denota a predominância de grandes empresas do setor nesses estados, especialmente produtoras de cervejas e subsidiárias de multinacionais produtoras de outros tipos de bebidas alcoólicas. Por outro lado, no caso do Rio Grande do Sul (22,3% dos estabelecimentos, 9,7% dos empregos), Minas Gerais (17,7% dos estabelecimentos, 6,6% dos empregos), Santa Catarina (9,5% dos estabelecimentos, 3,6% dos empregos), bem como em outros estados (Espírito Santo e Paraná), ocorre exatamente o contrário, ou seja, há maior concentração relativa de empresas do que de empregos, configurando-se a predominância de empresas de menor porte, denotando um caráter mais artesanal da produção de bebidas alcoólicas nesses estados.

Em termos de evolução das quantidades de empresas (Tabela 9) e empregos (Tabela 10), não foram observadas mudanças significativas de representatividade na grande maioria dos estados no período considerado. Destaca-se o aumento de 27% da participação de Santa Catarina no total de empresas do setor (de 7,5% em 2008 para 9,5% em 2017), bem como queda da participação da Bahia em 32% (de 3,8% para 2,6%). Quanto à distribuição dos em-

pregos, merecem destaque no Nordeste os aumentos de participação relativa no emprego dos estados da Bahia e do Maranhão, bem como a diminuição da participação do

Ceará e do Rio Grande do Norte, conforme comentado anteriormente.

Tabela 9 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de bebidas alcoólicas: 2008 a 2017

Estado	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Acre	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,1%	0,2%	0,1%	0,1%	0,0%
Alagoas	0,5%	0,4%	0,3%	0,5%	0,5%	0,6%	0,5%	0,6%	0,5%	0,8%
Amapá	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%	0,1%	0,2%	0,1%	0,1%	0,1%
Amazonas	0,5%	0,4%	0,4%	0,4%	0,5%	0,4%	0,5%	0,8%	0,5%	0,4%
Bahia	3,8%	3,6%	3,2%	3,6%	3,2%	2,6%	2,7%	2,5%	2,5%	2,6%
Ceará	2,4%	2,5%	2,4%	2,4%	2,6%	2,3%	2,4%	1,9%	2,1%	1,9%
Distrito Federal	0,4%	0,2%	0,2%	0,3%	0,7%	0,3%	0,2%	0,2%	0,2%	0,4%
Espírito Santo	2,9%	3,3%	3,1%	2,9%	3,0%	2,7%	2,3%	2,5%	2,6%	2,7%
Goiás	3,0%	2,7%	2,9%	2,8%	2,5%	2,6%	2,5%	2,2%	2,5%	2,3%
Maranhão	0,6%	0,8%	0,7%	0,8%	0,6%	0,9%	1,0%	1,0%	0,8%	1,0%
Mato Grosso	0,6%	1,1%	1,0%	0,8%	0,9%	0,9%	1,1%	1,2%	1,3%	1,4%
Mato Grosso do Sul	0,5%	0,5%	0,7%	0,8%	0,7%	0,7%	0,8%	0,6%	0,5%	0,6%
Minas Gerais	19,0%	18,8%	19,3%	19,0%	18,4%	19,6%	19,1%	18,4%	18,2%	17,7%
Pará	0,8%	0,8%	1,0%	0,9%	0,6%	0,8%	0,8%	0,7%	0,8%	0,9%
Paraíba	2,1%	2,0%	2,2%	2,4%	2,4%	2,7%	2,2%	2,1%	2,3%	2,0%
Paraná	4,3%	4,4%	4,2%	4,3%	5,1%	4,9%	5,3%	5,8%	5,9%	6,5%
Pernambuco	3,7%	3,9%	4,5%	4,1%	4,1%	3,8%	3,7%	3,7%	3,5%	3,2%
Piauí	0,7%	0,8%	0,7%	0,7%	0,7%	0,7%	0,4%	0,5%	0,5%	0,5%
Rio de Janeiro	6,4%	5,4%	5,9%	6,3%	6,2%	5,9%	6,2%	6,1%	6,2%	5,9%
Rio Grande do Norte	0,8%	0,8%	0,8%	0,5%	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%	0,7%	0,9%
Rio Grande do Sul	21,3%	21,6%	21,5%	21,8%	22,3%	21,3%	22,5%	23,0%	22,9%	22,3%
Rondônia	0,8%	0,9%	0,8%	0,5%	0,6%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%
Roraima	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,1%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%
Santa Catarina	7,5%	8,0%	7,9%	8,1%	7,8%	8,6%	8,5%	9,3%	9,4%	9,5%
São Paulo	16,8%	16,6%	15,8%	15,2%	15,3%	16,0%	15,7%	15,3%	15,1%	15,3%
Sergipe	0,2%	0,2%	0,3%	0,4%	0,4%	0,5%	0,6%	0,5%	0,5%	0,5%
Tocantins	0,2%	0,2%	0,2%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,1%
Total	100,0%									

Fonte: ME/RAIS (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

Tabela 10 – Distribuição geográfica (%) dos empregos da indústria de bebidas alcoólicas por UF: 2008 a 2017

Estado	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Acre	0,0%	0,1%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Alagoas	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,0%	0,1%	0,0%	0,1%	0,1%	0,4%
Amapá	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Amazonas	1,3%	1,6%	1,8%	1,7%	1,8%	1,6%	1,5%	1,4%	1,4%	1,3%
Bahia	3,9%	3,8%	4,2%	3,8%	3,7%	4,4%	4,4%	4,1%	4,8%	4,8%
Ceará	7,1%	7,2%	6,9%	6,0%	6,1%	5,5%	5,8%	5,3%	4,9%	3,4%
Distrito Federal	0,9%	0,8%	0,8%	0,8%	3,4%	0,5%	0,5%	0,2%	0,2%	0,2%
Espírito Santo	0,4%	0,5%	0,4%	0,5%	0,5%	0,6%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%
Goiás	4,3%	3,8%	3,9%	3,6%	3,5%	3,6%	3,4%	3,4%	3,9%	4,3%
Maranhão	2,2%	1,7%	2,2%	2,1%	2,1%	2,4%	2,7%	2,8%	2,7%	2,4%
Mato Grosso	1,7%	1,8%	2,2%	2,2%	2,1%	2,2%	2,0%	2,3%	2,5%	2,2%
Mato Grosso do Sul	0,4%	0,5%	0,5%	0,4%	0,1%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Minas Gerais	3,6%	4,4%	4,3%	4,1%	4,4%	7,0%	5,2%	5,4%	5,6%	6,6%

Estado	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Pará	1,5%	1,5%	1,9%	1,7%	1,7%	1,7%	1,6%	1,7%	1,8%	2,0%
Paraíba	2,6%	2,5%	2,7%	2,4%	2,4%	2,4%	2,3%	2,2%	2,0%	1,4%
Paraná	3,5%	3,9%	3,6%	3,3%	2,5%	2,4%	2,8%	3,0%	3,2%	3,7%
Pernambuco	6,9%	8,6%	8,0%	13,6%	12,3%	12,2%	12,4%	10,8%	8,0%	7,8%
Piauí	1,3%	1,3%	1,3%	1,2%	1,1%	0,9%	1,0%	0,9%	0,9%	0,9%
Rio de Janeiro	11,2%	10,1%	11,5%	11,2%	10,9%	10,6%	10,5%	11,1%	11,2%	11,2%
Rio Grande do Norte	1,9%	1,9%	1,7%	1,5%	1,5%	1,4%	1,5%	0,7%	0,6%	0,6%
Rio Grande do Sul	8,5%	9,3%	9,2%	9,0%	8,9%	8,2%	9,1%	9,8%	9,7%	9,7%
Rondônia	0,3%	0,3%	0,4%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Roraima	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Santa Catarina	3,0%	3,1%	3,1%	3,1%	3,0%	3,2%	3,3%	3,3%	3,4%	3,6%
São Paulo	32,8%	30,4%	28,1%	26,4%	27,1%	28,2%	28,9%	30,4%	32,1%	32,4%
Sergipe	0,8%	0,9%	1,1%	0,9%	0,9%	0,8%	0,8%	0,8%	0,8%	0,7%
Tocantins	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Total	100,0%									

Fonte: ME/RAIS (2019). Elaboração do ETENE/BNB.

A indústria de bebidas alcoólicas do Nordeste concentra 13,3% dos estabelecimentos e 22,4% dos empregos. O percentual de empregos bem maior do que o percentual de estabelecimentos indica a predominância de empresas de maior porte na indústria de bebidas alcoólicas na Região. Já na Região Sul (38,4% dos estabelecimentos e 17,0% dos empregos) ocorre o contrário, com grande influência do quadro do Rio Grande do Sul, o que é consequência da concentração de produtores de vinhos naquele Estado, no qual 85,8% das empresas possuem até 9 funcionários, configurando-se como microempresas.

5 PERSPECTIVAS

Nas previsões disponíveis sobre o comportamento do mercado mundial de bebidas alcoólicas para os próximos anos predomina a visão de que o crescimento será relativamente baixo, um pouco acima de 1,0% ao ano até 2023 (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2019b). A crescente demanda por bebidas alcoólicas *premium* é considerada um dos principais fatores para sustentar o crescimento deste mercado, mesmo que em nível relativamente baixo.

Esse crescimento um pouco acima de 1% aparece nas previsões da Euromonitor International (2019b), que destacam entre os dez maiores mercados consumidores do mundo, em termos de crescimento do consumo de bebidas alcoólicas, o Brasil, o México, a Índia e a Espanha, que apresentarão taxas de crescimento acima das previstas para o mercado mundial (Tabelas 11 e 12). No caso do México, a tendência é que haja uma queda significativa na taxa de crescimento ao longo do período analisado, influenciada pela crescente incerteza dos negócios sobre as políticas do governo Lopez-Obrador, mais populista, e a piora no ambiente comercial global (especialmente com o principal parceiro comercial do país, os EUA), principais razões da desaceleração prevista para o crescimento econômico no País.

Tabela 11 – Consumo previsto de bebidas alcoólicas nos dez principais mercados mundiais (milhões de litros): 2019 a 2023

Localidade	2019	2020	2021	2022	2023
China	55.820	55.880	55.961	56.059	56.160
EUA	29.962	29.869	29.862	29.836	29.808
Brasil	13.590	13.896	14.273	14.696	15.146
Alemanha	12.237	12.200	12.145	12.073	11.986
México	9.732	10.234	10.666	11.037	11.344
Rússia	9.865	9.859	9.920	10.046	10.220
Japão	8.697	8.711	8.743	8.790	8.856
Reino Unido	7.432	7.538	7.657	7.772	7.897
Índia	5.491	5.670	5.870	6.082	6.296
Espanha	5.245	5.361	5.484	5.608	5.726
Outros	84.016	86.463	88.999	91.666	94.450
Mundo	246.591	250.426	254.563	258.882	263.340

Fonte: Euromonitor International (2019b).

Tabela 12 – Crescimento anual (%) previsto do consumo de bebidas alcoólicas nos dez principais mercados mundiais: 2019 a 2023

Localidade	2019	2020	2021	2022	2023
China	-0,1%	0,1%	0,1%	0,2%	0,2%
EUA	-0,4%	-0,3%	0,0%	-0,1%	-0,1%
Brasil	1,2%	2,3%	2,7%	3,0%	3,1%
Alemanha	-0,1%	-0,3%	-0,5%	-0,6%	-0,7%
México	6,4%	5,2%	4,2%	3,5%	2,8%
Rússia	-0,3%	-0,1%	0,6%	1,3%	1,7%
Japão	-0,1%	0,2%	0,4%	0,5%	0,7%
Reino Unido	1,2%	1,4%	1,6%	1,5%	1,6%
Índia	4,9%	3,2%	3,5%	3,6%	3,5%
Espanha	1,9%	2,2%	2,3%	2,3%	2,1%
Mundo	1,3%	1,6%	1,7%	1,7%	1,7%

Fonte: Euromonitor International (2019b). Elaboração do ETENE/BNB.

Nos números do mercado internacional, chama atenção a previsão de retração em 2019 (-0,1%), seguida de baixo crescimento do consumo no maior mercado mundial, a China, entre 2020 e 2023.

O mercado brasileiro, que apresentou queda de consu-

mo entre 2014 e 2018, deve se recuperar a partir de 2019, com taxa de crescimento acima da média mundial, com destaque para a retomada do crescimento das cervejas e vinhos, segmentos que apresentaram declínios importantes do consumo nos últimos anos (**Tabelas 13 e 14**).

Tabela 13 – Consumo previsto de bebidas alcoólicas no Brasil por tipo (milhares de litros): 2019 a 2023

Tipos de Bebidas	2019	2020	2021	2022	2023
Cerveja	12.399.970	12.683.466	13.032.473	13.422.266	13.837.524
Vodca, Whisky, Cachaça, Gin e outros	716.141	724.837	736.130	749.623	764.776
Vinho	324.859	336.776	350.946	366.744	384.006
Cidras	16.976	17.198	17.397	17.578	17.752
Total	13.589.673	13.896.025	14.273.453	14.695.672	15.146.265

Fonte: Euromonitor International (2019a).

Tabela 14 – Crescimento anual (%) previsto do consumo de bebidas alcoólicas no Brasil por tipo: 2019 a 2023

Tipos de Bebidas	2019	2020	2021	2022	2023
Cerveja	1,2%	2,3%	2,8%	3,0%	3,1%
Vodca, Whisky, Cachaça, Gin e outros	0,8%	1,2%	1,6%	1,8%	2,0%
Vinho	2,5%	3,7%	4,2%	4,5%	4,7%
Cidras	1,6%	1,3%	1,2%	1,0%	1,0%
Total	1,2%	2,3%	2,7%	3,0%	3,1%

Fonte: Euromonitor International (2019a). Elaboração do ETENE/BNB.

Apesar da retomada do crescimento, prevê-se que o nível das vendas em volume pré-crise seja atingido novamente apenas em 2022, com a recuperação definida sendo mais lenta do que em outras áreas, como bebidas não alcoólicas e alimentos embalados. Isso porque, embora o cenário econômico e a confiança do consumidor e do fabricante devam se recuperar nos próximos anos, os hábitos mais conservadores de consumo de bebidas alcoólicas terão papel fundamental na determinação do crescimento.

Em termos de dinâmica do mercado brasileiro, o espaço para novos participantes e *players* de menor porte continua a diminuir. O crescimento da carteira via fusões, aquisições e acordos de distribuição continua a impulsionar a consolidação, especialmente no segmento das cervejas, apesar do forte crescimento das micro cervejarias. No que diz respeito a RTDs/HS, no entanto, a situação é consideravelmente diferente. Em uma área na qual os lançamentos de novos produtos são fundamentais para manter o interesse do consumidor, qualquer empresa que ofereça mais inovação terá uma grande vantagem (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2018).

Os fabricantes procurarão recuperar lentamente sua confiança e, em função disso, não são esperadas inovações disruptivas, pois o custo de cometer um erro de investimento é muito alto. Seguindo a tendência dos últimos anos, espera-se que novos lançamentos de produtos ofereçam novos sabores, embalagens e extensões de linhas já existentes, em vez de algo totalmente novo. Isso pode ser uma ameaça para certas áreas impulsionadas pela

inovação, como RTD/HS voltadas para consumidores mais jovens. Os *players* estão procurando o “próximo grande sucesso” e esta categoria provou ter um desempenho cíclico, com os principais fabricantes trocando de posições dependendo do seu nível de inovação.

No que diz respeito à distribuição territorial da produção, apesar da característica do setor de possuir ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico, o que torna a opção de produzir localmente mais racional, para a Região Nordeste isso pode se configurar como um fator crítico, tendo em vista a carência de água em boa parte do território nordestino, notadamente após períodos de estiagem prolongada, tais como os vivenciados até o ano passado.

Adicionalmente, em se tratando da produção de cervejas, é importante ressaltar que nos últimos anos, após um acréscimo importante da capacidade de produção no Nordeste, com a entrada em operação de duas novas plantas da Cervejaria Petrópolis, na Bahia (2013) e em Pernambuco (2015), observou-se mais recentemente o encerramento das operações da fábrica da AMBEV no Rio Grande do Norte (início de 2016) e da Heineken no Ceará (2017). No caso da AMBEV, como a produção foi direcionada para outros estados, há uma indicação clara de sobrecapacidade da empresa na Região.

Por outro lado, o grande crescimento observado na produção e consumo de cervejas artesanais torna necessário um monitoramento mais cuidadoso do comportamento desse segmento no Nordeste, para que não haja o

risco de sobreoferta nos próximos anos, especialmente se considerando que o fator renda é muito importante para o consumo de produtos desse segmento.

Nesse sentido, as necessidades de investimentos e, conseqüentemente, de financiamentos, devem estar relacionadas à fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, como por exemplo, a produção de cervejas artesanais ou RDTs, não se esquecendo do monitoramento supracitado. Outra possibilidade é o financiamento à modernização de processos produtivos, especialmente aquelas que impliquem a racionalização do consumo de insumos, tais como água e energia.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO. **Números do setor – Faturamento**. Disponível em <https://www.abia.org.br/vsn/anexos/faturamento2018.pdf> Acesso em 23 Mai. 2019.

CERVIERI JÚNIOR, O.; TEIXEIRA JUNIOR, J. R.; GALINARI, R.; RAWET, E. L.; SILVEIRA, C. T. J. O setor de bebidas no Brasil. **BNDES Setorial**, n. 40, p. 93-130, 2014.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI. **Indicadores industriais**. Disponível em <http://www.portal-daindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/> Acesso em 23 Mai. 2019.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Alcoholic Drinks in Brazil**. London: Euromonitor International, 2018.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Market Sizes: historical/forecast**. Brazil. London: Euromonitor International, 2019a.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Alcoholic Drinks: quarterly statement Q1 2019**. London: Euromonitor International, 2019b.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Company shares: % breakdown**. Brazil. London: Euromonitor International, 2019c.

FUNCEXDATA. **Estatísticas de comércio exterior**. Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 31 Mai. 2018 (Acesso Restrito).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa industrial anual – PIA Produto**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5807> Acesso em 22 Mai. 2019.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA – ME. **Relação anual de informações sociais**. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php> Acesso em 17 Mai. 2019.

MALTA, C.; BOUÇAS, C. Heineken bate no teto da produção de cerveja premium. **Valor Econômico**. Disponível em <https://www.valor.com.br/empresas/6033273/heineken-bate-no-teto-da-producao-de-cerveja-premium> Acesso em 20 Dez. 2018.

MARCUSSO, E. F.; MÜLLER, C. V. **Anuário da cerveja no Brasil 2018**: crescimento e inovação. Disponível em <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/inspecao/produutos-vegetal/pasta-publicacoes-DIPOV/anuario-da-cerveja-no-brasil-2018> Acesso em 05 Jun. 2019.

SERASA EXPERIAN. **Setorise Refrigerantes e Cervejas Abril 2015**. Disponível em <http://d001www06/ambestudospesqaval/analisesetoriais/docs/setorise/brasil/Cervejas%20e%20Refrigerantes.pdf> Acesso em 09 Fev. 2017 (Acesso Restrito).

TECHNAVIO. **Global Alcoholic Drinks Market 2016-2020**. Disponível em <http://www.technavio.com/report/global-alcoholic-beverages-alcoholic-drinks-market> Acesso em 08 Fev. 2017.

ANÁLISES DE 2018 DISPONÍVEIS

- Comércio Exterior Agronegócio NE: Produtos Apícolas - 04/2019
- Comércio Exterior Agronegócio NE: Sucos - 04/2019
- Comércio Exterior Agronegócio NE: Sucroalcooleiro - 04/2019
- Comércio Exterior Agronegócio NE: Fibras Têxteis - 04/2019
- Comércio Exterior Agronegócio NE: Frutas, Nozes e Castanhas - 03/2019
- Comércio Exterior Agronegócio NE: Produtos Florestal - 03/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Grãos - 03/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE - 03/2019
- Shopping Centers - 02/2019
- Energia Eólica - 02/2019
- Silvicultura - 02/2019
- Setor Sucroalcooleiro - 02/2019
- Apicultura - 01/2019
- Panorama da infraestrutura no NE: energia elétrica - 01/2019
- Panorama da infraestrutura no NE: saneamento - 01/2019
- Panorama da infraestrutura no NE: transportes - 01/2019
- Produção de coco - 12/2018
- Produção de algodão - 12/2018
- Rochas Ornamentais - 12/2018
- Energia solar fotovoltaica - 12/2018
- Turismo - 12/2018
- Setor de Serviços - 12/2018
- Cajucultura - 11/2018
- Bovinocultura leiteira: genética e economia - 11/2018
- Grãos: feijão, milho e soja - 11/2018
- Pescados - 11/2018
- Construção Civil - 11/2018
- Comércio 2018/2019 - 11/2018
- Setor hoteleiro no Brasil - 11/2018
- Café - 10/2018
- Petroquímica - 10/2018
- Vestuário - 10/2018
- Bovinocultura leiteira: cruzamentos - 10/2018
- Citricultura - 09/2018
- Floricultura - 09/2018
- Comércio eletrônico (E-commerce) - 09/2018
- Mandiocultura - 09/2018
- Couros e calçados - 08/2018
- Indústria siderúrgica - 08/2018
- Fruticultura - 07/2018
- Bebidas não alcoólicas - 07/2018
- Móveis - 06/2018
- Bebidas alcoólicas - 05/2018
- Carnes - 04/2018
- Saúde - 04/2018
- Alimentos - 03/2018
- Petróleo e gás natural - 01/2018

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

ANÁLISES PREVISTAS PARA 2019

Título	Previsão
Panorama da agropecuária no Nordeste	fevereiro-19
Telecomunicações	fevereiro-19
Petróleo e gás natural	março-19
Biocombustíveis	abril-19
Micro e pequenas empresas	abril-19
Móveis	abril-19
Microgeração de energia	abril-19
Bovinocultura leiteira	abril-19
Tecnologia da informação	abril-19
Commodities agrícolas nordestinas	maio-19
Energia solar	maio-19
Hortaliças: batata e tomate	maio-19
Locação de imóveis	maio-19
Saúde	junho-19
Grãos: feijão, milho e soja	junho-19
Carnes	junho-19
Comércio eletrônico	julho-19
Floricultura	julho-19
Couros e calçados	julho-19
Indústria de bebidas não alcoólicas	julho-19
Emprego e renda agrícolas	julho-19
Indústria da construção civil	agosto-19
Setor têxtil	agosto-19
Cafeicultura	agosto-19
Fruticultura	agosto-19
Indústria siderúrgica	agosto-19
Produção de mandioca – raiz, farinha e fécula	setembro-19
Rochas ornamentais	setembro-19
Vestuário	setembro-19
Indústria petroquímica	outubro-19
Cajucultura nordestina	outubro-19
Citricultura	outubro-19
Hotéis	outubro-19
Grãos: feijão, milho e soja	outubro-19
Comércio	outubro-19
Energia térmica	outubro-19
Aquicultura e pesca	novembro-19
Cocoicultura nordestina	novembro-19
Silvicultura	novembro-19
Turismo	novembro-19
Serviços	novembro-19
Algodão	dezembro-19